ISSN: 2358-8829

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA ESCOLA: O PROJETO ESTRELINHA COMO ESTÍMULO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luan Inácio da Silva [1]
Mariana Allany Silva [2]

INTRODUÇÃO

A partir da compreensão de que a criança aprende através de relações e experiências vividas em seu dia a dia, o ambiente escolar pode ser considerado essencial para o seu desenvolvimento social, físico e/ou mental. Pensando em um olhar crítico perante a saúde física e mental, despertou-se em nós o interesse em saber como anda a alimentação dos alunos do ensino fundamental anos iniciais na escola, tendo como conhecimento o grande aumento das indústrias que produzem alimentos industrializados, onde as mesmas criam técnicas para que influenciam o consumo excessivo desses produtos, como citado por Sawaya e Filgueiras (2013). Observaremos como estímulos positivos podem influenciar o comportamento alimentar dos estudantes.

Levando em consideração que o ensino fundamental anos iniciais geralmente é formada por crianças de 4 até 9 anos de idade e que, é uma fase na qual elas estão começando a formar seus hábitos alimentares, partimos do pressuposto de que o estímulo positivo pode influenciar no desenvolvimento de uma alimentação saudável dentro da escola, e que possivelmente para fora da escola.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), em suas competências gerais da educação básica, reforça a importância de cuidar da saúde física. Essa ideia reforça-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) – documentos oficiais que vêm norteando, desde o final da década de 1990, as propostas pedagógicas das escolas – em seu Tema Transversal "Saúde" – definem como conteúdo escolar e "[...] reforçam o desenvolvimento de estilos saudáveis de vida e oferecem opções viáveis e atraentes para a prática de ações que promovem a saúde" e "[...] favorecem a participação ativa dos educadores na elaboração do projeto pedagógico da educação para a saúde" (Brasil, 1997, p. 260).

[1] Graduado de Licenciatura em Educação Física pela ASCES-UNITA; Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Centro Acadêmico do Agreste (CAA); Mestrando em Educação Física pelo PROEF da Universidade de Pernambuco (UPE) - Escola Superior de Educação Física (ESEF), luan.edf.silva@gmail.com;
[2] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Centro Acadêmico do Agreste (CAA), marianaallany53@gmail.com.
A referente pesquisa deriva de um trabalho realizado na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1 do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Campus Agreste (CAA).

ISSN: 2358-8829

A partir do exposto, levanta-se a seguinte questão: como o estímulo positivo influencia a criança para uma alimentação saudável na escola? Para procurar resposta para nossa questão, adotamos como objetivo geral: compreender o estímulo positivo enquanto influência para uma alimentação saudável na escola, através do projeto estrelinha.

Como justificativa social, consideramos que a alimentação saudável traz diversas melhorias para saúde, a curto e longo prazo. Portanto, o estímulo a alimentação saudável dentro da escola é de fundamental importância, podendo ocorrer mudanças comportamentais nos alunos influenciados na pesquisa para fora do ambiente escolar. O estudo também pode incentivar novas pesquisas sobre boas práticas e projetos alimentares e o estímulo a favor da promoção da saúde.

METODOLOGIA

A referente pesquisa é um estudo de campo, descritivo e exploratório, de modelo etnográfico. É também um trabalho de intervenção, realizada em uma escola municipal de Caruaru-PE, com todas as turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo elas: 2 turmas de 1º Ano, 2 turmas de 2º Ano, 2 turmas de 3º Ano, 2 turmas de 4º Ano, e 4 turmas de 5º Ano, totalizando 12 turmas.

A abordagem usada é a quanti-quali, por tentar entender o fenômeno estudado enquanto um todo. Para critério de inclusão dos estudantes são todos os/as alunos/as presentes em sala de aula no momento das coletas e entrevistas; para os/as professores/as e coordenadora são todos que fazem parte do ensino fundamental Anos Iniciais da referente escola. Como critério de exclusão para os/as alunos/as foi ter faltado no dia das coletas ou não ser selecionado para responder as entrevistas; e para os/as professores/as e coordenadora foi ter vínculo menor que 3 meses na escola, por termos a ideia de que o mesmo pode ainda não ter se adequado com a cultura presente na determinada instituição de ensino.

Para coleta de dados foi usado a entrevista despadronizada e focalizada, onde segundo Marconi e Lakatos (2010) a mesma tem como característica a liberdade para direcionar a pesquisa conforme o desenrolar da situação, apenas seguindo tópicos estabelecidos sobre o fenômeno estudado. Foram feitas entrevistas com os estudantes, professores/as e coordenadora, tentando entender sobre os diferentes pontos de vista. O projeto de intervenção e a coleta de dados foram feitos em três etapas:

Etapa 1:

ISSN: 2358-8829

Em um dia aleatório de aula, foi feito um levantamento quantitativo pretendendo saber qual a porcentagem de estudantes que trouxeram frutas para comer na hora do intervalo, valendo quantificar também quantos trouxeram alimentos industrializados. Hipoteticamente, a porcentagem será grande, levando em consideração o crescimento das indústrias e a alimentação excessiva desses produtos, citado acima por Sawaya e Filgueiras (2013). Vale ressaltar que não avisamos aos/as professores/as que íamos naquele determinado dia. Desse modo não houve influências de alguma parte que seja.

Etapa 2:

Entrevistamos os professores e coordenadora, com intuito de tentar entender como os mesmos consideram a alimentação dos estudantes do ensino fundamental, e as possíveis influências sobre os hábitos alimentares dentro e fora da escola; e dois estudantes de cada turma (aleatoriamente), onde os referentes discentes respoderam perguntas relacionadas à sua alimentação de frutas. Direcionamos as perguntas também ao comportamento de seus pais, para tentarmos entender se seu hábito tem alguma ligação ou influência direta ou indireta com os hábitos de seus pais ou responsáveis.

Etapa 3:

A terceira etapa consistiu na apresentação do projeto aos estudantes, incentivando-os a participarem. Durante três semanas, a sexta-feira foi chamada de “Sexta-Feira Saudável”, onde o aluno que trouxeresse alguma fruta para comer no horário do intervalo iria ganhar uma estrelinha de papel colante, para colar no caderno. A cada semana foi coletado o quantitativo de estudantes que trouxeram fruta no dia.

No decorrer da análise de dados as transcrições das respostas dos professores pesquisados terão identificações numeradas de P1 a P12, aleatoriamente; a coordenadora terá o próprio nome “coordenadora”; e as transcrições dos alunos terão identificações distintas para quem trouxe fruta, identificados de “aluno que trouxe fruta”, numerados de AF1 a AF12, e quem trouxe industrializado, identificados de “aluno que trouxe industrializados”, numerados de AI1 a AI12.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Através de estudos compreendemos a tamanha importância de manter as crianças bem alimentadas, além do desenvolvimento físico, uma alimentação saudável contribui também para a educação das crianças. Segundo Cavalcanti (2009, p.12):

> As escolas devem oferecer alimentação equilibrada e orientar seus alunos para a prática de bons hábitos alimentares, pois o aluno bem alimentado apresenta melhor aproveitamento escolar, atinge o equilíbrio necessário para o seu crescimento e desenvolvimento, bem como mantém as defesas necessárias para uma boa saúde.

Dessa forma, a escola não pode limitar-se apenas à alfabetização e letramento, deve-se levar em consideração o autocuidado, sendo ele de higiene, saúde e/ou alimentação, citada na habilidade E103CG04 da BNCC (Brasil, 2018). Dessa forma a escola como fonte de informação, necessita fazer sua parte de forma efetiva, de qualidade e também respeitando cada cultura dos seus alunos, pois sabemos que a criança além de passar grande parte de sua vida na escola, é nela que muitas crianças fazem a única refeição saudável do dia. Segundo Vitolo, Gaglianone e Grazini (1998), hábitos alimentares na infância tendem a se solidificar na idade adulta, sugerindo-se a educação nutricional como disciplina na escola. Sendo assim, os primeiros anos escolares são essenciais na vida das crianças, porque o processo de aprendizagem ocorre de forma mais rápida se comparada a fase adulta, e também essas estão começando a desenvolver novos hábitos longe da influência dos seus pais, onde essa influência também é de extrema importância para a criança.

Nesse sentido, Cavalcanti (2009), reforça a ideia de despertar na criança não só o prazer de uma boa alimentação, mas também de lembrar a ela os benefícios a curto e longo prazo de manter uma dieta saudável. Com isso, desenvolver atividades educativas referente ao consumo de frutas, por exemplo, onde promova e estimule a criança a participar e lhe manter informada sobre os malefícios de uma alimentação desregulada se faz necessário.

Um ponto importante para essa discussão é o contexto familiar que a criança se encontra, visto a grande influência que se faz com relação aos hábitos adotados. Mas, observa-se que isso é algo difícil de se encontrar nas escolas, pois como pontua Cavalcanti (2009), é necessária uma intervenção que contemple tanto o aluno em questão, quanto o âmbito escolar em geral, a família e comunidade, para que a intervenção seja válida e eficaz.

Contudo, ações e intervenções sobre esse tema são de extrema importância para os alunos. Segundo Ribeiro e Silva (2013), a escola é um local propício para haver intervenções,

ISSN: 2358-8829

pois o mesmo leva esses aprendizados e influências de modo significativos na sua vida fora da escola, enquanto cidadão em potencial na sociedade.

Outro ponto importante que devemos tratar é “a importância do estímulo”, tanto no meio familiar quanto no meio pedagógico, é de extrema importância para que ocorra o desenvolvimento da criança. Em alguns casos isolados um não depende do outro, mas esse é um dos muitos que os dois precisam estar juntos, e se não estão, acabam por dificultar o desenvolvimento positivo da criança.

Sobre as dificuldades de estimular os hábitos alimentares saudáveis de uma criança durante a fase infantil e juvenil, Fernandes et al. (2009) falam que a criança exerce pouco controle sobre as escolhas de alimentos disponíveis em casa, e isso acaba transferindo a responsabilidade desses fatores para os pais ou responsáveis da criança. Relacionando essa questão aos hábitos alimentares dos pais, pôde ser observado os dois seguintes pontos: existem famílias a qual a criança faz parte, onde o provedor da casa recebe uma quantia limitada por mês, tendo aquele único dinheiro para lidar com as despesas. Sendo assim, os alimentos que são comprados mensalmente, a grande maioria geralmente são produtos industrializados, por ter um prazo de validade estendido e por serem considerados mais práticos. Limitando a possibilidade de uma inserção de alimentos saudáveis aos hábitos alimentares da criança, e prejudicando o desenvolvimento da mesma.

Também existem famílias onde é possível ter uma diversificação nos alimentos, mas não é muito comum ver uma alimentação com hábitos saudáveis. Em vários casos isso acontece porque os próprios pais não tiveram esse estímulo quando jovens, trazendo essa problemática para a família que foi formada por eles, ocasionando na ausência da figura exemplar dos pais para a criança.

Torres e Jachinoski (2003, p. 193) cita que "é muito comum pais cobrarem que os filhos comam determinados tipos de alimentos, mas eles mesmos não consomem estes alimentos, se na família não existe o hábito, dificilmente a criança irá desenvolvê-lo".

Para Ramos, Santos e Reis (2013), a educação alimentar é vista como uma estratégia para a inserção de hábitos alimentares saudáveis e acreditam que a escola seja um espaço apropriado para desenvolver essas ações. Sendo assim, mesmo com certas dificuldades e barreiras, é importante que a escola, e seus funcionários trabalhem a alimentação saudável de forma recorrente, pois para a criança esse pode ser o único meio de acesso à informação sobre hábitos alimentares saudáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A referente pesquisa deriva de um trabalho realizado na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1 do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Campus Agreste (CAA).

ISSN: 2358-8829

Resultados Iniciais - Antes do Projeto Estrelinha

Temos a seguir as tabelas iniciais, onde foi pesquisado quais alimentos que os alunos trazem para escola para se alimentarem no momento do intervalo.

Tabela 1: Quantificação Inicial

Sala	QA	QTF	PTF	QTI	PTI	QT2	QTO	PTO
A	29	0	0%	9	31,03%	0	3	10,34%
B	29	3	10,34%	9	31,03%	1	2	6,89%
C	25	6	24%	12	48%	0	4	16%
D	24	4	16,66%	18	75%	0	1	4,16%
E	26	4	15,38%	19	73,07%	2	1	3,84%
F	24	0	0%	13	54,16%	2	1	4,16%
G	27	2	7,40%	13	48,14%	0	0	0%
H	27	0	0%	11	40,74%	1	0	0%
I	31	0	0%	14	45,16%	0	1	0%
J	25	0	0%	7	28%	0	0	0%
K	29	0	0%	16	55,17%	0	1	0%
L	24	0	0%	7	29,16	0	0	0%
TOTAL	320	19	6,14%	148	46,25%	6	15	4,68%

Legenda:
QA: Quantidade de Alunos; QTF: Quantidade trouxeram frutas; PTF: Percentual trouxeram fruta; QTI: Quantidade trouxeram alimentos industrializados; PTI: Percentual trouxeram alimentos industrializados; QT2: Quantidade que trouxeram tanto frutas quanto alimentos industrializados; QTO: Quantidade trouxeram outros alimentos; PTO: Percentual trouxeram outros alimentos.

Tabela 2: Quantificação apenas com os que trouxeram algum lanche.

Sala	QA	QTF	PTF	QTI	PTI
A	12	0	0%	9	75%
B	15	3	20%	9	60%
C	22	6	27,27%	12	54,54%
D	23	4	17,39%	18	78,26%
E	27	4	14,81	19	70,37%
F	16	0	0%	13	81,25%

A referente pesquisa deriva de um trabalho realizado na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1 do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Campus Agreste (CAA).

ISSN: 2358-8829

G	15	2	13,33%	13	86,66%
H	12	0	0%	11	91,66%
I	15	0	0%	14	93,33%
J	7	0	0%	7	100%
K	17	0	0%	16	94,11%
L	7	0	0%	7	100%
TOTAL	191	19	7,73%	148	82,06%

Legenda:
QA: Quantidade de Alunos; QTF: Quantidade trouxeram frutas; PTF: Percentual trouxeram fruta; QTI: Quantidade trouxeram alimentos industrializados; PTI: Percentual trouxeram alimentos industrializados.

A princípio notou-se um grande consumo de alimentos industrializados, onde mais de 46% trouxeram os mesmos (Tabela 1). E isso fica ainda mais alarmante se olharmos a segunda tabela, com a quantificação apenas dos alunos que trouxeram algum alimento, onde 82% trouxeram alimentos industrializados. Apesar de ser alarmante, já havíamos previsto esse resultado, tomando por base o estudo Sawaya e Filgueiras (2013), citado acima, e Fonseca e Drumond (2018), o qual em sua pesquisa observou a grande frequência de consumo de alimentos industrializados por parte das crianças na infância.

Ao perguntarmos aos professores como consideram a alimentação de seus alunos, a maioria apontou que em sua grande maioria não é saudável, como os professores 1 e 4 mencionam “Não é uma alimentação saudável, eles consomem muito refrigerante e salgadinhos e são poucos que trazem frutas para a hora do lanche” (P1), “[...] na verdade nunca vi trazendo frutas, a não ser as que dão aqui na escola” (P4). Essa ideia é bastante presente nas falas de todos professores/as, e que ainda quando se oferece fruta na escola muitos alunos não querem. “Quando a escola oferece fruta, são poucos alunos que vão buscar, preferem comer salgadinhos” (P5). Ao ser questionada sobre, a coordenadora teve a mesma visão voltada a alimentação de seus alunos/as, o que torna os resultados singulares, considerando que as entrevistas foram feitas separadamente. Segue a seguir a resposta da coordenadora sobre esse questionamento:

> Quando a gente fala das turmas de primeiro, segundo e ainda terceiro ano, é bem complicado isso aqui na escola, porque eles trazem muito salgadinho, refrigerante. Ofertamos merenda e tentamos fazer o máximo para que eles aceitem essa alimentação, isso é bem complicado, inclusive já foi conversando com os pais em reunião, essa questão da merenda e a grande maioria optam pelo salgadinho e refrigerante independente da merenda ser frutas, suco, cuscuz com leite. (COORDENADORA)

A referente pesquisa deriva de um trabalho realizado na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1 do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Campus Agreste (CAA).

ISSN: 2358-8829

Mas, quais poderiam ser as causas que fazem com que as crianças não levem frutas para escola? Para tentar entender mais sobre o fenômeno estudado, fizemos perguntas em entrevista para os professores, e para os alunos, adaptando as mesmas para cada faixa etária. Em cada sala foi escolhido dois alunos para responderem as perguntas, sendo um que trouxe fruta e outro que trouxe alimento industrializado.

A princípio, foi questionado aos professores sobre o que os mesmos consideram que influencia nessa alimentação tão industrializada e não saudável de seus alunos/as. As respostas foram bem divididas, porém sempre direcionadas as influências como "[...] a questão financeira" (P1), onde "[...] algumas famílias tem uma necessidade financeira de não poder comprar frutas, assim alguns comem o lanche da escola" (P2), embora um professor relate que isso pode ocorrer pela falta de esclarecimento "[...] porque quando você compra um pacote de salgadinho, aquele dinheiro podia ser comprado de frutas, mas não fazem por ser uma maneira prática por conta da correria do dia a dia" (P1). Correria essa que foi citado por mais três professores, esclarecendo que "[...] é uma forma de facilitar para as famílias, por ser uma coisa mais prática e geralmente se compra no mercado" (P2) ou "[...] na barraquinha que tem ao lado da escola" (P9), porque "[...] os pais vivem numa correria e mandam o que é mais rápido e fácil" (P6).

Nesse início da análise dessas entrevistas já vimos a influência que os pais têm sobre a alimentação dos filhos, onde "[...] o costume de casa" (P4), "a cultura" (P8), "[...] a própria família não tem esse hábito em inserir fruta na alimentação do aluno, sendo que para elas é mais fácil pegar um biscoito do que organizar uma frutinha na bolsa e pensam que é algo mais prático, **mas futuramente não será**" (P5, **grifo nosso**).

É interessante ressaltar uma fala de um docente, o qual lembrou da seguinte situação de sua infância: "[...] na minha casa fui acostumada comer de tudo, então ensinei minhas filhas comerem de tudo também [...]", reforçando a ideia de que "[...] se por exemplo os pais desde cedo já pegasse esse lado da alimentação orientando para ir sempre nesse caminho os filhos com certeza iriam seguir, porque são todos aprendizes [...], elas se espelham naquilo que os adultos fazem" (P4). Ribeiro e Silva (2013) relatam essa mesma ideia, de que a influência dos pais é crucial para o hábito alimentar dos filhos, tomando como exemplo que se em casa os pais têm uma alimentação diversificada, provavelmente os filhos seguirão o mesmo caminho.

Para termos uma maior compreensão se esse hábito de alimentação saudável ou não dos pais está direta ou indiretamente ligada à alimentação dos filhos, foram entrevistados dois alunos de cada turma, um que trouxe fruta e outro que trouxe alimento industrializado. Vale ressaltar que teve salas em que nenhum aluno trouxe fruta, então foi chamado apenas um.

ISSN: 2358-8829

A princípio, continuou notando-se uma grande influência por parte dos pais, sendo as mesmas positivas ou negativas. De forma positiva podemos trazer os relatos de alguns alunos, quando questionados se comem fruta responderam de forma direta que “Sim, porque minha mãe me dá” (AF3), e de forma indireta: “Minha mãe é a que mais gosta de fruta e a minha vó também” (AF4).

Explicando por outra perspectiva, podemos elencar alguns pontos para explicar o baixo percentual de alunos que trouxeram fruta para escola: 1- Muitos não comem fruta em casa ou até com pouca frequência, relatados em: “De vez em quando, apenas quando meu pai compra, de dois em dois dias” (AI5), “De vez em quando, porque às vezes minha mãe compra” (AI4), “[...] quando tem laranja meu pai come e eu tomo mais vitaminas e como maçã” (AF8); 2- Há casos em que os alunos não trazem para escola, por motivos pessoais, mas comem em casa, e sempre citam os pais como coadjuvante nesse processo. “Como sempre, mas só em casa, eles comem sempre, por isso que eu sempre como também [...], vejo, eles comem as vezes. eles me incentivam e é bom que eu gosto” (AI7); 3- E também tem casos em que mesmo os pais incentivando, o hábito já está enraizado, de forma positiva, como foi descrito pelo (AF2) “Minha mãe me manda comer fruta as vezes, mas não precisa lembrar porque eu amo fruta”, como de forma negativa, como o relatado pelo (AI8), “eles (pais) me mandam comer fruta sempre, mas eu gosto de comer salgadinhos e refrigerantes”.

Notamos então, um grande consumo de alimentos industrializados, influenciados em geral pelos pais, de forma direta ou indireta, com vários motivos como: a correria do dia a dia, a praticidade, a questão financeira, e até a pequena importância que é dada ao hábito alimentar do filho/a.

Mas como podemos tentar mudar essa realidade? Cavalcanti (2009) e Ribeiro e Silva (2013), mencionam a importância de intervenções alimentares dentro da escola, de modo que os alunos entendam a importância e benefícios de uma boa alimentação para curto e longo prazo. Pois se não houver interferências educativas alimentares na infância, fica mais difícil esse hábito alimentar ser mudado na fase adulta, por se solidificar, como mencionado por Vitolo, Gaglianone e Grazini (1998).

Resultados durante o Projeto Estrelinha

A tabela a seguir mostra a junção das três quantificações de dados durante a implementação do Projeto Estrelinha, onde foi observado e feita uma média de quantos alunos trouxeram fruta na “Sexta-feira da Fruta”.

ISSN: 2358-8829

Tabela 3:

Sala	Quantidade alunos	Quantidade trouxeram fruta	Percentual trouxeram fruta
A	24	19	79,16%
B	22	13	59,09%
C	19	13	68,42%
D	15	6	40%
E	29	14	48,27%
F	17	8	47,05%
G	29	19	65,51%
H	24	20	83,33%
Total	179	112	61,35%

Notamos um grande aumento do percentual dos estudantes que trouxeram fruta, onde na tabela 1 antes do projeto o percentual era de 6,14%, ao final contabilizamos 61,35% trazendo frutas, o que de forma crescente contabilizamos um aumento de 55,21%, e percentualmente um aumento de quase 900%.

Esses dados trazem consigo consequências positivas do projeto para vida dos alunos, trazendo a prática alimentar saudável como benéfica, o autocuidado citado pela BNCC (Brasil, 2018), e a melhoria da saúde não apenas a curto prazo, mas principalmente a longo prazo.

Trazemos como importante também o estímulo à alimentação saudável, tanto dos pais, como de uma comunidade em geral, onde em poucas semanas notamos como fundamental as influências positivas (também descritas anteriormente por autores acima), tendo um papel essencial para a construção de hábitos saudáveis das crianças, na escola e para a sociedade sobre a qual almejamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos aportes teóricos e dados obtidos na pesquisa, observou-se a princípio o grande percentual de alunos que trazem alimentos industrializados para comerem durante o intervalo, o que repercutiu e confirmou nossa teoria. Notou-se também a influência para esse hábito, de forma positiva e/ou negativa, geralmente vindo dos pais.

A referente pesquisa deriva de um trabalho realizado na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1 do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Campus Agreste (CAA).

Com esse primeiro entendimento, se colocou em prática o projeto de intervenção, que tinha como pressuposto que o estímulo positivo influenciaria diretamente na mudança do hábito alimentar. E essa hipótese foi confirmada, onde através do Projeto Estrelinha o percentual de estudantes que traziam frutas para escola aumentou quase 900%, um estrondoso aumento que simboliza a importância significativa da influência interna e externa para a construção de hábitos saudáveis das crianças.

A escola enquanto ambiente ativo de construção social pode (e deve) influenciar práticas essenciais para o desenvolvimento integral das crianças, de forma crítica, social, política e acima de tudo humana. Podemos destacar como indissociável também o cuidado com a saúde, a partir de hábitos de alimentação saudável.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar.** 18ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília. 2018. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Municipal da Saúde. Alimentação Infantil: Cartilha de orientação aos pais. Curitiba: SMS, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde.** Brasília,1997.

CAVALCANTI, Leonardo Almeida. **Efeitos de um intervenção em escolares do ensino fundamental I, para a promoção de hábitos alimentares saudáveis.** 2009. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1104>. Acesso em: 10 set. 2022.

FERNANDES, Patrícia S. et al. Avaliação do efeito da educação nutricional na prevalência de sobrepeso/obesidade e no consumo alimentar de escolares do ensino fundamental. **Revista Pediatria,** Porto Alegre, v. 85, n. 4. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572009000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 out. 2022.

FONSECA, Jéssica Gabriele; DRUMOND, Maria Góes. O consumo de alimentos industrializados na infância. **Revista brasileira de ciências da vida,** v. 6, n. especial. 2018. Disponível em: < http://jornalold.faculdadecienciasdavida.com.br/index.php/RBCV/article/view/768/374>. Acesso em: 02 set. 2022.

A referente pesquisa deriva de um trabalho realizado na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1 do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Campus Agreste (CAA).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

RAMOS, F. P.; SANTOS, L. A. S.; REIS, A. B. C. E**ducação alimentar e nutricional em escolares: uma revisão de literatura**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 29, n. 11, p. 2147-2161, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00170112>. Acesso em: 03 out. 2022.

RIBEIRO, G. N. M.; SILVA, J. B. L. A alimentação no processo de aprendizagem. **Eventos Pedagógicos**, v. 4, n. 2, p. 77-85, 2013.

SAWAYA, Ana Lydia; FILGUEIRAS, Andrea. "Abra a felicidade"? Implicações para o vício alimentar. **Revista Nutrição e Pobreza,** v. 27, n. 78. 2013. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/ea/a/Szd3X9xqzw6w963chCCpm3n/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 22 ago. 2022.

TORRES, Patrícia L.; JACHINOSKI, A. C. P. **Uma leitura para os temas transversais: ensino fundamental**. Curitiba: 2003.

VITOLO, M.R. GAGLIONE, C.P. GRAZINI, J.T. **Educação Nutricional**. In: Nóbrega, F.J. Distúrbios da Nutrição, Rio de Janeiro, Revinter, 1998, 463p.